

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**JÉSSICA DE ALBUQUERQUE PINHEIRO**

**Documentação de cartas e sua memória: um estudo das correspondências de  
Castro Maya e a *sociedade* “Os Cem Bibliófilos do Brasil”**

Rio de Janeiro

2023

JÉSSICA DE ALBUQUERQUE PINHEIRO

**Documentação de cartas e sua memória: um estudo das correspondências de  
Castro Maya e a *sociedade* “Os Cem Bibliófilos do Brasil”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia  
e gestão de Unidades de Informação da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção do título  
de bacharel em Biblioteconomia e Gestão  
de Unidades de Informação.

Orientador (a): Prof. Dr. Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2023

JÉSSICA DE ALBUQUERQUE PINHEIRO

**DOCUMENTAÇÃO DE CARTAS E SUA MEMÓRIA:** um estudo das correspondências de Castro Maya e a *sociedade* “Os cem bibliófilos do Brasil”

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Robson Santos Costa, apresentado ao Curso de Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_.

---

Prof. Dr. Robson Santos Costa  
Orientador

---

Prof. <sup>a</sup> Dra. Raimunda Fernanda dos Santos  
Membro interno

---

Prof. <sup>a</sup> Dra. Marianna Zattar  
Membro interno

P654d Pinheiro, Jéssica de Albuquerque.  
Documentação de cartas e sua memória: um estudo das correspondências de Castro Maya e a *Sociedade "Os Cem Bibliófilos do Brasil"* / Jéssica de Albuquerque Pinheiro, orientação de Robson Santos Costa. - Rio de Janeiro, 2023. 49 f. il.

Orientador: Robson Santos Costa.  
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, 2023.

1. Cartas. 2. Memória Social. 3. Castro Maya. 4. Os Cem Bibliófilos do Brasil. I. Pinheiro, Jéssica de Albuquerque. II. Costa, Robson Santos, orient. III. Título.

CDD: 929.653

## AGRADECIMENTOS

Prezado leitor, se hoje você está lendo esse texto, saiba que isso só é possível graças ao meu grande apreço às cartas e àqueles que me fazem querer escrever, os bons amigos que me acompanharam durante a longa trajetória da graduação. A maioria desses nunca receberam uma carta escrita por mim, então dedico esse espaço para lhes mostrar minha gratidão.

Aos meus primeiros exemplos de vida e meus maiores entusiastas, minha mãe, meu pai e minha avó, sou imensamente grata pelo esforço que fizeram para garantir que eu sempre tivesse uma boa vida com bons ensinamentos. Obrigada por apoiarem todas as minhas escolhas de vida e por se orgulharem.

Aos meus professores, aqueles que me acompanharam durante toda a minha graduação, eu agradeço por compartilharem seus conhecimentos e por serem uma inspiração profissional e muitas vezes também pessoal. Em especial, meu professor orientador, Robson, agradeço também pela paciência, as conversas trocadas e os conselhos da vida e escrita acadêmica.

Nesses agradecimentos não poderia faltar os amigos que fiz durante a longa caminhada da graduação. Aos meus colegas de turma, que sempre tive ótima convivência, apesar das diferenças, obrigada terem me feito rir e por sempre se unirem para conseguir o melhor para o coletivo. Para meu grupinho, Felipe, Rafaela, Rodrigo, Maria Luiza, João e Tayane, vocês fizeram meus dias mais leves e tranquilos durante toda essa caminhada, vocês sempre serão lembrados com muito carinho por mim. Também aos amigos que fiz na Universidade por conta do destino, Larisse, Brenda, Louise e Ketellyn, eu amo ter a amizade de vocês.

À Clarelis, por ser minha melhor amiga e minha companheira para além dessa vida, por me acalantar, me aconselhar, puxar meu pé, por passar por todos os momentos de felicidade e dificuldade comigo durante todos esses anos e ser a minha maior inspiração para escrever cartas, eu te agradeço infinitamente.

Minhas primas e irmãs Beatriz, Maria Luiza e Maria Eduarda, vocês fazem parte do que sou hoje, obrigada por sempre estarem aqui. E o que veio para acrescentar, Gustavo, você é incrível!

Por fim, agradeço à administração do Museu Chácara do Céu por abrir suas portas e tão simpaticamente permitir que eu fosse curiosa, pesquisasse e perguntasse sobre o funcionamento do arquivo e sobre as cartas de Castro Maya.

“Eis a minha carta ao Mundo  
Ele, que a Mim nunca escreveu -  
Singelas Notícias que a natureza deu -  
Com majestade e ternura

Sua Mensagem entrego em Mãos -  
Mãos de uma era futura -  
Por amor a Ela - doces concidadãos -  
Julgai-me - com brandura.” **(Emily Dickinson)**

## RESUMO

Esse trabalho tem como tema central o processo de documentação de cartas e a construção de memória social a partir delas. Utilizando como fonte de pesquisa as cartas de uma *sociedade* fundada em 1943, a “Sociedade Dos Cem Bibliófilos do Brasil”, o objetivo do trabalho por meio de uma pesquisa bibliográfica, documental e exploratória e por meio de uma abordagem qualitativa, é entender a importância do processo de transformação de cartas pessoais em documentos informacionais e, como nestes, ocorre uma construção de memória. Abarcando conceitos de autores como Gondar, Gomes e Bakhtin passamos por tópicos sobre cartas, documentos, informação e memória a fim de responder os problemas propostos no trabalho e as perguntas que surgem em seu processo sobre seu armazenamento, recuperação e os impactos que tais cartas podem trazer para a sociedade. As respostas apontam que as cartas podem ser consideradas documentos e que é possível construir memória através de seu conteúdo e a sua disseminação se faz importante para construir e reconstruir debates e diálogos mantendo a memória da sociedade em movimento.

Palavras-chave: cartas; memória social; documento; Castro Maya; Sociedade Dos Cem Bibliófilos do Brasil.

## **ABSTRACT**

This essay's main theme consists in the process of documentation of letters and the edification of social memory that comes from it. Using as the source of research the letters of a society founded in 1943, the "Sociedade Dos Cem Bibliófilos do Brasil", here's the goal of the paper, through a bibliographical, documentary and exploratory research and qualitative approach, is to understand the importance of the process of turning personal letters into informational documents and, if there's the possibility of building social memory from it. Embracing concepts from authors such as Gondar, Gomes and Bakhtin, we go through topics about letters, documents, information and memory in order to answer the issues raised in the paper and the questions that emerge in the process about its storage, regeneration and the impacts that such letters can bring to society. The answers conclude that letters can be considered documents, that it is possible to build memory from its content, and its spreading is important for the construction and reconstruction of debates and dialogues, keeping the memory of the society in movement.

Key words: letters; social memory; document; Castro Maya; Sociedade Dos Cem Bibliófilos do Brasil.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Museu Chácara do Céu .....	14
<b>Figura 2</b> - Biblioteca Museu Chácara do Céu.....	14
<b>Figura 3</b> - Documento retirado para exposição.....	22
<b>Figura 4</b> - Palavra “Hontem” em 1955.....	37
<b>Figura 5</b> - Palavras “Civilização” e “Apezar” em 1955.....	37
<b>Figura 6</b> - Escrita do “Piauhy”.....	38
<b>Figura 7</b> - Temporal no Rio de Janeiro 1966.....	39
<b>Figura 8</b> - Portela.....	40
<b>Figura 9</b> - Endereço da <i>sociedade</i> .....	40
<b>Figura 10</b> - Endereço da gráfica.....	40
<b>Figura 11</b> - Memórias de um Sargento de Milícias.....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Problema.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Objetivo geral .....</b>	<b>12</b>
1.2.1 Objetivos específicos.....	12
<b>2 MUSEU CHÁCARA DO CÉU.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Castro Maya e a <i>Sociedade Dos Cem Bibliófilos do Brasil</i>.....</b>	<b>15</b>
<b>3 CORPUS DOCUMENTAL.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 Cartas.....</b>	<b>18</b>
3.1.1 Cartas como documento.....	19
3.2.2 Cartas no Arquivo Museu Chácara do Céu.....	20
<b>4 GÊNEROS DO DISCURSO.....</b>	<b>24</b>
<b>5 MEMÓRIA SOCIAL.....</b>	<b>27</b>
<b>6 CONSTRUÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>7 METODOLOGIA.....</b>	<b>34</b>
<b>8 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> DOCUMENTAL.....</b>	<b>36</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As cartas, mais do que qualquer outro suporte informacional, carregam em si hábitos, costumes, valores, lugares, registros de uma vida; e uma vez que esse material é reunido, formando um amplo acervo documental e informacional, entendemos que ele pode ser um importante instrumento para a construção de uma memória social. As cartas como fontes de informação nos ajudam a entender o passado por meio de troca de correspondências entre pessoas, públicas ou não, “o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente em relação a um acontecimento.” (GOMES, 2004, p. 15). Dessa forma, podemos utilizar esses relatos escritos nas cartas como complementos para fatos já contados por diferentes perspectivas.

Esse trabalho tem como tema o processo de transformação de cartas pessoais em documentos, os desafios e implicações que uma Unidade de Informação pode enfrentar ao ter esses documentos guardados em seu arquivo, trazendo também as vantagens de armazenar e disseminar esses pequenos pedaços de memória. A escolha do tema se deu por um interesse pessoal de entender como as cartas são manuseadas dentro de Unidades de Informações, dessa forma o objeto escolhido como *corpus* documental foi o acervo de cartas da sociedade “Os Cem Bibliófilos do Brasil” que está atualmente guardado no Arquivo do Museu de Castro Maya, Chácara do Céu. Essas cartas, que foram trocadas entre os anos de 1955 e 1966, pertencem a uma coleção pessoal do próprio Castro Maya, colecionador de obras de arte, que mantinha contatos com empresários, artistas e editores no intuito de criar ilustrações em parceria de grandes artistas brasileiros para complementar livros da literatura nacional. A coleção de livros com tais ilustrações formada pela *sociedade* conta com 23 volumes, sendo o primeiro lançado em 1943. Todas as versões que pertenciam a Castro Maya podem ser encontradas na biblioteca do Museu Chácara do Céu, incluindo os originais das ilustrações, estudos e ilustrações ainda não editadas.

Além do acervo analisado para o trabalho, o arquivo do museu conta com outras categorias de cartas, entre elas, cartas comerciais, onde Castro Maya fazia encomendas, compras e trocas de objetos de arte e cartas para com familiares e amigos. Essas cartas trocadas ajudam a construir uma linha do tempo na história e saber o que Castro Maya viveu, por meio dessa memória preservada em forma

desses registros, sendo importantes na atuação do museu para manter a preservação informacional e a memória de Castro Maya viva.

O que se busca nas cartas do acervo da Sociedade Dos Cem Bibliófilos do Brasil, é uma memória que complementa o que está exposto nos livros publicados e apresentados na biblioteca, é poder observar elementos que remetem à uma época distinta do nosso presente que criou um material rico e relevante para a cultura da sociedade brasileira.

Percorrendo pelos capítulos do trabalho, conheceremos a história do lugar onde o *corpus documental* está inserido, assim como a história daquele que os criou junto de sua *sociedade*, que é de grande importância para a literatura de nosso país. Seguindo, encontramos um breve resumo sobre esse objeto de trabalho, as cartas, que serão analisadas mais profundamente ao final da pesquisa por meio de enunciados, sendo eles, linguístico, de localidade e econômico. O conceito das cartas e suas configurações como documento e gêneros de discurso também podem ser lidos antes de conectarmos o tema central e suas questões ao referencial teórico.

## **1.1 Problema**

O problema de pesquisa que buscamos responder neste trabalho é: Categorizadas como documentos, como a informação presente no gênero discursivo das cartas constrói uma memória social?

## **1.2 Objetivo geral**

O objetivo geral deste trabalho, é entender a importância do processo de transformação de cartas pessoais em documentos informacionais e, como nestes, ocorre uma construção de memória.

### **1.2.1 Objetivos específicos**

Os objetivos específicos são: compreender as cartas como um gênero do discurso; as cartas e suas relações com a memória social.

## 2 MUSEU CHÁCARA DO CÉU

Para chegar ao ponto principal da pesquisa, precisamos percorrer um trajeto de histórias sobre o colecionador Castro Maya e o primeiro contato para tal, é o Museu Chácara do Céu. Localizado em Santa Teresa e conhecido por Chácara do Céu desde 1976, a casa de três andares exibe coleções de livros raros em sua biblioteca e peças de artes como pinturas, esculturas e cerâmicas, essas obras fazem parte de uma exposição fixa, apesar do Museu também apresentar exposições temporárias, como informa o seu site oficial.

Uma de suas exposições temporárias, que ganhou uma matéria especial no site Veja Rio “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil ganha mostra na Chácara do Céu” (VEJA RIO, 2018), foi uma homenagem ao dia internacional do museu que teve como tema a “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”, no ano de 2018, com o nome de “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil em Destaque”. Na exibição estavam disponíveis desenhos, correspondências, rascunhos e documentos referentes ao processo criativo de alguns dos artistas ilustradores dos livros publicados pela *sociedade*, documentos dos quais iremos tratar mais a frente.

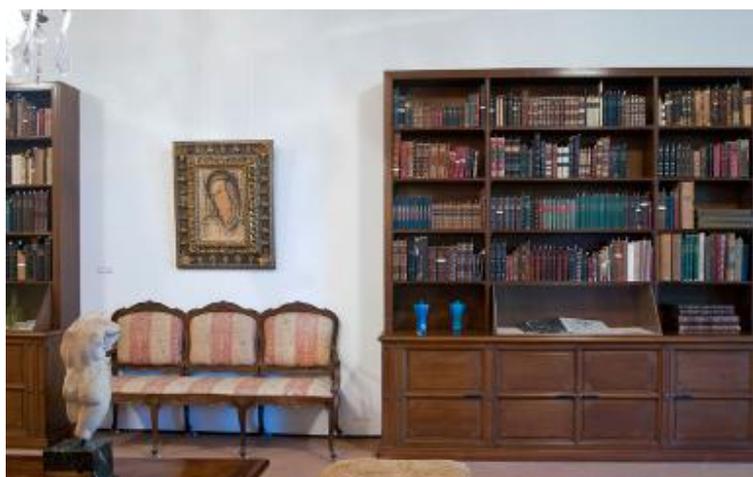
Segundo Batista, Bette e Horta (2012), a biblioteca e a sala de estar do Museu são os únicos cômodos que mantiveram sua configuração original, com o tempo, todo seu espaço foi demolido para expor as grandes obras de arte da coleção pessoal de Castro Maya numa construção mais modernista. Antes a casa teria servido como residência para a família e seu espaço não condizia com as obras, que hoje são divididas em coleções, como: brasiliana, arte brasileira, arte europeia, arte oriental, artes aplicadas, azulejaria e a biblioteca que dispõe de cerca de 6 mil obras de literatura brasileira e europeia e entre elas a coleção de 23 livros da “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”, de Castro Maya.

**Figura 1 - Museu Chácara do Céu**



Fonte: Site Museus Castro Maya, Museu Chácara do Céu.

**Figura 2 - Biblioteca Museu Chácara do Céu**



Fonte: Site Museus Castro Maya, Biblioteca Castro Maya.

Segundo o livro “Os Museus Castro Maya” do Banco Safra (1996), o motivo pelo qual o Museu da Chácara do Céu passou a assumir grande parte da coleção de Castro Maya em suporte de papel, assim como pinturas, a biblioteca em si com a

coleção dos Cem Bibliófilos do Brasil e o arquivo com todos seus documentos, se deu pelos desafios enfrentados pela conservação e preservação desses objetos no Museu do Açude. A alta umidade da Floresta da Tijuca dificultava a manutenção e o Museu Chácara do Céu se tornou guardião desses objetos.

## 2.1 Castro Maya e a *Sociedade Dos Cem Bibliófilos Do Brasil*

Para o desenvolver da pesquisa, é de grande importância que o fundador do Museu Chácara do Céu e também criador da “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”, Castro Maya, seja mencionado, assim como a sua *sociedade*. Como entendido no trabalho de Batista, Bette e Horta (2012), Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968), nasceu em Paris, sendo filho de pais brasileiros. Apesar de ter se formado em Direito, nunca exerceu a profissão. Com influência de seu pai, um grande colecionador de moedas e objetos de arte, Raymundo de Castro Maya, se tornou um empresário bem sucedido, grande entusiasta das artes e também colecionador. Dentre as heranças que recebeu do pai, estão as duas casas onde construiu suas fundações Raymundo Ottoni de Castro Maya, a casa da Estrada do Açude e a casa da Chácara do Céu, sendo a última o foco e fonte para essa pesquisa. Segundo o próprio Castro Maya, as funções da sua Fundação eram, “[...] Promover e divulgar atividades de caráter artística e cultural quer pela criação de museus e exposições, quer pelo intermédio da instituição de concursos, bolsas de estudo ou prêmios, práticas de igual caráter.” (MAYA, 1994, p. 22 apud BATISTA, D. M. S.; BETTE, T. F. ; HORTA, V., 2012). A vontade de Castro Maya de facilitar o acesso à cultura foi pioneira no país e, para preencher as lacunas da literatura nacional, em 1943, criou a “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil” (SCBB), que foi inspirada na *sociedade* francesa *Les Cent Bibliophile* da qual seu pai fazia parte na Europa segundo Souza (2016).

O estatuto da *sociedade*<sup>1</sup> dizia que cada sócio receberia um exemplar personalizado com nome e número de inscrição em cada livro impresso com a ilustração feita pelo artista escolhido, seus sócios eram convidados para jantares onde apresentavam os livros e leiloavam obras do artista ilustrador, “Pelos Estatutos da Sociedade dos Cem Bibliófilos, os originais ficam pertencendo à Sociedade que

---

<sup>1</sup> Documento do Arquivo Castro Maya. 3 fev. 1966. Pasta 100, doc. 2.

os vende em leilão aos sócios por ocasião de entrega dos livros.” (MAYA,1955) como dizia Castro Maya à Carybé em uma de suas cartas. Diversos nomes aparecem em documentos guardados no arquivo do Museu Chácara do Céu, como Carybé, Portinari, Poty, Darel, Dom Pedro de Orleans e Bragança e Max Fischer sendo estes artistas e sócios da *sociedade*, que trocavam correspondências com o idealizador Castro Maya para tratar de assuntos sobre os livros a serem publicados.

Castro Maya também controlava toda a produção dos livros para que sua publicação fosse feita com a qualidade desejada por ele e por profissionais especializados e conhecidos. Como mencionado em suas cartas, suas encadernações eram luxuosas e seguiam um padrão europeu e, com exceção dos dois primeiros títulos, todos foram impressos em Paris. Em diversas cartas trocadas com os artistas, Castro Maya questiona os meios pelos quais as artes seriam produzidas, suas dimensões, tipos de papel e também seus preços, “Os seus maravilhosos desenhos não tenho dúvida que darão certamente Cr\$. 200.000,00<sup>2</sup> no leilão, e é esta maneira de proceder que nos tem permitido fazer nossos livros [...]” diz Maya (1955) para Caribé na mesma carta citada acima. É interessante pensar que hoje esse tipo de registro pode parecer não ter valor algum, mas para a construção de uma memória sobre o valor de uma arte, pode ser o ponto chave de um estudo. Então como essas cartas pessoais são tratadas para servir como uma fonte de informação acessível para o público?

---

<sup>2</sup> O fator de conversão de Cruzeiro para real é a divisão do valor por 2.750.000.000.000.000,00. TABELAS PRÁTICAS. Meu site contábil. Disponível em: <http://idealsoftwares.com.br/tabelas/tabela.php?id=351>. Acesso em: 12 jan. 2023.

### 3 CORPUS DOCUMENTAL

Dentre todos os tipos de cartas encontradas, as “pessoais” tendem a ser as mais subestimadas por não possuírem selos oficiais, mas nessas trocas de cartas é possível encontrar e resgatar acontecimentos e dados importantes que, por falta de interesse e análise, podem ser deixados de lado. O arquivo do Museu Chácara do Céu disponibilizou acesso ao seu material armazenado para o desenvolvimento do trabalho. Duas visitas presenciais foram feitas, na primeira, houve um contato com as cartas pessoais em um contexto geral, onde a vida de Castro Maya era exposta pelas correspondências trocadas. Familiares pedindo ajuda com dinheiro, cartas trocadas com uma misteriosa mulher com quem trocava palavras de amor e saudades, todas com a utilização de uma linguagem informal. Por essas cartas é perceptível que ele foi um homem que viajava frequentemente para Paris, Londres e Rio de Janeiro. Havia também diversas cartas compartilhadas nos idiomas inglês e francês sobre compras, valores e encomendas de obras de arte.

Na segunda visita o objetivo foi procurar por cartas da “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”, fazer registros, anotações e tecer algumas perguntas, cujas respostas veremos mais à frente. Parte das cartas que existem no arquivo foram catalogadas por uma museóloga, pela necessidade imediata de recuperar informações e facilitar essa procura. Elas foram divididas por assuntos, sendo esses: cartas pessoais, cartas da “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil” e cartas com editores e artistas. Apesar de ter criado um método, somente parte das cartas foram armazenadas de acordo com sua classificação<sup>3</sup>, a outra parte está misturada com diversos outros documentos do acervo. Os documentos que foram selecionados e catalogados contam com uma escrita em lápis em cada folha, onde podemos observar as seguintes siglas: ACM - Acervo Castro Maya; CP cartas pessoais ; DOC número do documento em ordem de recebimento; F 1/1 ordem e quantidade de folhas. Dentre todos os documentos, o acervo de cartas entre o colecionador e fundador do museu, Castro Maya e seus sócios e artistas da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil foi o escolhido para esse trabalho, pois, além de também serem categorizadas como cartas pessoais, entendemos que esta categoria também tem grande relevância para a literatura brasileira.

---

<sup>3</sup> Algumas cartas aparecem dentro de pastas de tema distinto.

O pequeno acervo de cartas da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, possui seis pastas no total, sendo três delas pastas com documentos como recibos de pagamento de serviços de gráficas, uma pasta possuindo todo o estatuto da *sociedade*, e duas pastas com as cartas trocadas com artistas e sócios, tendo respectivamente trinta e cinco e vinte e três documentos cada. Essas cartas são datadas entres os anos de 1955 e 1966 e, em sua maioria, são trocadas com Carybé<sup>4</sup>, para negociação de compras de suas ilustrações para a reimpressão do livro brasileiro Macunaíma de Mário de Andrade.

Entendendo o material que será utilizado para a elaboração da pesquisa e como ele se encontra configurado na Unidade de Informação, podemos prosseguir com os conceitos que darão embasamento para as respostas das questões propostas no início do trabalho.

### 3.1 Cartas

Após entender o material que será utilizado para essa pesquisa, as próximas seções do capítulo consistem em entender e conceituar o *corpus* documental, carta, como objeto e documento; contextualizando o seu surgimento, mais precisamente, no Brasil e como o processo de documentação da carta pode ser realizado. Posteriormente fechando o capítulo, trago as implicações da incorporação dessas cartas como fontes de informações dentro de uma Unidade de Informação.

Para começar conceituando, Santos (2008, p. 94) descreve as cartas como:

“veículos pessoais de expressão de si, expressão de sentimentos ligados à interioridade de alguém, que se quer transmitir, para um ou para muitos. Sem destruir as sociabilidades epistolares, a constituição de uma existência privada, distante do espaço público, investe de valores de intimidade todas as práticas da escritura ordinária.” (SANTOS, 2008, p. 94)

Nesse trecho, Santos conceitua a carta de forma subjetiva que representa bem o que buscamos para esse trabalho, o individual que diz sobre o social. Apesar de escrever cartas ser um ato solitário, o seu intuito é o oposto, transmitir vida e

---

<sup>4</sup> Hector Julio Páride Bernabé (1911-1997). Artista argentino que viveu boa parte de sua vida no Brasil, mais precisamente em Salvador. Trabalhou como ilustrador da obra Macunaíma, de Mário de Andrade, para a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. CARYBÉ, Escritório de arte, Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/carybe> Acesso em: 7 dez. 2022.

informação para quem seja aquele que irá ler suas palavras. Enquanto isso, não muito distante do conceito de Santos, Salomon (2010, p. 9) define a escrita da carta de forma mais simples, como um instrumento administrativo que busca exercer um efeito direto sobre o seu destinatário. Entendendo então a partir desses conceitos que as cartas são uma forma de comunicação, temos dois personagens principais nessa troca, emissor e receptor, como afirmam Horta, Dias e Cordeiro (2018, p.3)

Segundo Salomon (2010, p. 38), a prática da da escrita de cartas no Brasil teve seu momento de ascensão no século XIX, em especial a partir de 1850, com o crescimento de imigrantes no território nacional a troca de cartas tornou-se necessária, pois era a única forma de comunicação com familiares, amigos, conhecidos, que permaneciam nos países de origem. Portanto, sua prática sempre teve cunho informacional. Em seu livro, Salomon (2010) assume que essa prática pode ser considerada como um acontecimento, pois homens trabalhadores, comuns, passaram a ter voz própria por meio de cartas, sendo capazes de se expressarem com suas palavras para quem lhes fosse conveniente. Até então, a escrita de cartas era para pessoas “importantes”, em sua maioria políticos e a nobreza.

Salomon (2010) também cita a alfabetização da população, que marca essa ascensão da escrita de cartas. No entanto, apenas a minoria era capaz de escrever, surgindo então uma figura de “escrivão público”, uma terceira pessoa que redigia acontecimentos, sentimentos, a personalidade e a identidade dessas pessoas anônimas, como um mediador que era capaz de transformar informações em registros.

### 3.1.1 Cartas como documento

Neste trecho, iremos dar continuidade do assunto cartas como registros e documentos e o seu processo de categorização nas Unidades de Informação. Otlet (1937) diz que “Documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica.” Nesse momento a carta não é citada, mas o que se entende é que qualquer objeto pode ser tratado como documento, desde que passe por determinados processos.

Meyriat (1981), fala sobre tais processos, com a relação entre objeto e documento. Um elemento necessário para que um objeto se torne documento é a vontade de uma pessoa ou grupo de obter uma informação. A partir do momento que surge essa necessidade e curiosidade sobre a história de um objeto, poderíamos dizer que este é o “primeiro passo” para um objeto se tornar um documento. Ainda em seu texto, Meyriat (1981) explica: “um jornal diário é feito para suportar e transmitir informações; mas se o comprador o usar para embrulhar os legumes, por exemplo, o jornal se transforma numa embalagem rudimentar e não é mais um suporte de informação.” Com esse trecho podemos entender que todo documento é de fato um objeto, mas nem todo objeto pode ser um documento, se não houver interesse naquele que o manuseia.

Com isso, Horta, Dias e Cordeiro (2018, p.5), falam sobre o surgimento desse interesse de ter objetos como documentos. Após a segunda metade do século XX, a história da sociedade começou a ser analisada a partir de pontos de vista individuais, contrapondo a história das grandes influências. Essas mudanças se tornaram possíveis por conta da mudança de paradigmas relacionados ao conhecimento histórico, sendo permitida que novas linguagens como imagens, fotos, música, cartas, diários e vestimentas fossem interpretadas com um novo olhar, sendo preservadas e construindo uma gama diversificada de documentos, tornando possível uma pesquisa mais abrangente e coerente referente a um fato ou período a ser analisado.

Com os trechos expostos no trabalho podemos entender e confirmar que a documentação de cartas assim como de qualquer outro objeto só se torna possível a partir do momento em que há um interesse sobre ela e o seu conteúdo. Cabendo ao pesquisador conservar e disseminar as informações obtidas para que seu valor seja registrado e se tornem fontes de informação para novas pesquisas.

### 3.2.2 Cartas no Arquivo Museu Chácara do Céu

Quando tratamos de arquivos pessoais, diversos documentos podem estar incluídos, como certidões, fotografias, documentos pessoais e as cartas, Baumann (2011) diz:

Os arquivos pessoais e de família representam uma fonte de pesquisa única capaz de interagir com estruturas comunicacionais de um indivíduo e sua relação com o mundo. Os avanços de estudos teóricos e metodológicos da arquivologia sobre os arquivos pessoais transformaram esses conjuntos documentais em preciosos repositórios informacionais para pesquisadores, que a cada dia se debruçam sobre o estudo de documentos de personalidades do mundo da cultura, da filosofia e das artes. (BAUMANN, 2011, p.24).

Sobretudo no arquivo pessoal do colecionador Castro Maya, o repositório informacional pode se tornar um problema para o gerenciamento de espaço do Museu. Além dos documentos já armazenados no arquivo, diversos outros chegam por meio de doações, sejam dos próprios familiares ou instituições. Pensando nisso, a forma das quais esses documentos são armazenados em um arquivo acabam impactando na sua utilidade para a Unidade de Informação, pois documentos não catalogados e guardados sem técnicas de busca, se tornam inválidos para aqueles que buscam fontes para a construção de memória.

Ao entrar em contato com o arquivo do Museu Chácara do Céu, foi perguntado qual tipo de documento seria utilizado para a pesquisa, ao responder que seriam as cartas, foi percebido que seu armazenamento era separado por pastas temáticas e ordem cronológica, com uma forma simples de classificação e catalogação. Ao questionar sobre a forma como são separados, a Chefe Substituta do Museu<sup>5</sup> respondeu que não há uma forma padrão para a catalogação, que os documentos foram catalogados por um breve momento por uma antiga funcionária, mas não houve continuidade.

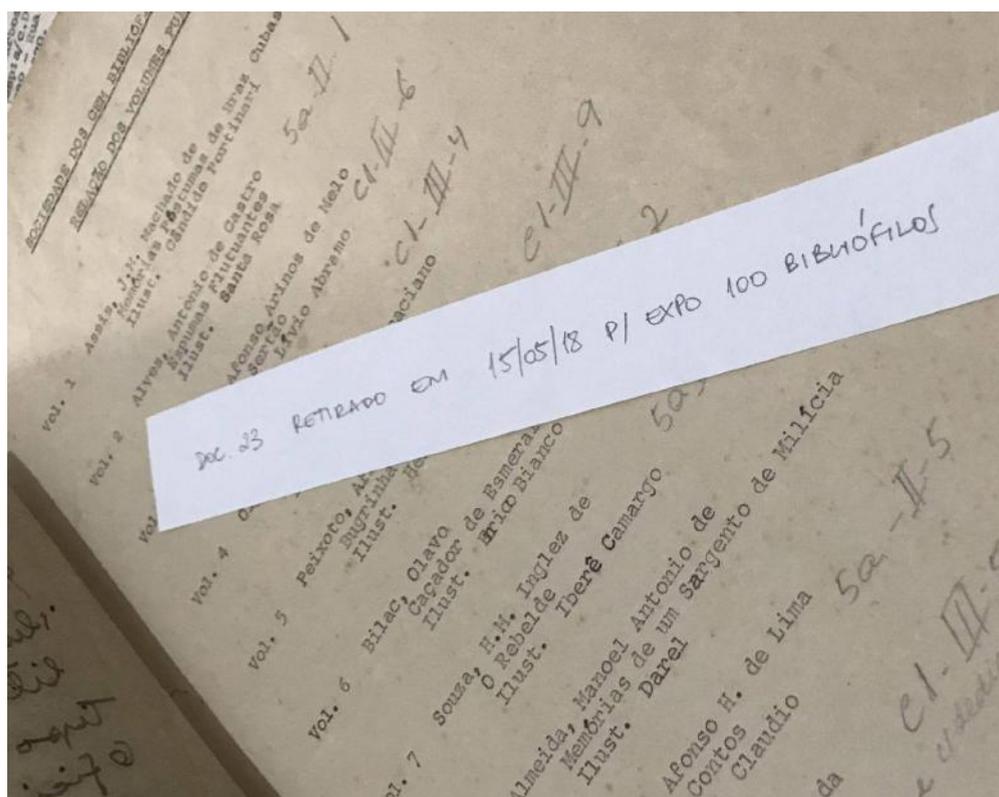
Para o trio holandês Muller, Feith e Fruin, que escreveram o “Manual de arranjo e descrição de arquivos”, “o arranjo do arquivo deve ser sistemático” e que se pode “pensar também na ordenação alfabética e na cronológica” (MULLER; FEITH; FRUIN, 1973, p. 41). E quando se trata de série de cartas “não é lícito, portanto, desmembrar nenhuma série”. Entendendo isso, por mais que a catalogação de cartas do acervo seja simples, ela se organiza de maneira correta. Confirmando esse julgamento, Bellotto (2002, p. 51) diz que as cartas são documentos não-diplomáticos, ou seja, podem ser classificadas por protocolo inicial, texto e protocolo final. Assim, percebemos que os direcionamentos para o armazenamento de cartas no arquivo do Museu Chácara do Céu, aparentam seguir esse padrão.

---

<sup>5</sup> Conversa com a chefe substituta do Museu Chácara do Céu.

Ainda durante a conversa com a Chefe Substituta<sup>6</sup>, foi perguntado sobre a procura pelo acervo de cartas e a resposta foi que é mais comum que as pessoas busquem por fotografias, apesar de já terem disponibilizado as cartas para pesquisas anteriormente. Devido a resposta, houve um questionamento pessoal sobre a importância desses documentos para o Museu, que posteriormente, foi respondida no decorrer da análise de cartas. Em uma das pastas foi encontrado um papel com a seguinte frase: “Doc 23 retirado em 15/05/18 p/ expo 100 Bibliófilos”, dando a entender que apesar de estarem guardados em um arquivo, esses documentos são de grande importância para a construção de história do Museu, levando em consideração que todas as construções, coleções e espaços são feitos pensando em quem Castro Maya foi e o que ele fez ainda em vida.

**Figura 3** - Documento retirado para exposição



Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 23, pasta 103.

O arquivo do Museu Chácara do Céu, diferente de outros, é um arquivo pessoal, onde sua finalidade principal é conservar os bens e a história de alguém que é ou foi importante para a história geral de alguma forma. Segundo Gomes

<sup>6</sup> Conversa com a chefe substituta do Museu Chácara do Céu.

(2004, p. 14), a modalidade de arquivos pessoais surgiu após um grande debate entre historiadores numa necessidade de incorporar novas fontes para suas pesquisas, documentos de memória individual se tornaram então um objeto de memória coletiva, aprofundando o conhecimento na história.

Um primeiro aspecto a ser observado diz respeito à valorização desse conjunto de fontes produzidas no âmbito do privado quer por “grandes” homens, quer por homens “comuns”, e que precisaram ser recolhidas, organizadas e socializadas para a pesquisa histórica. Um movimento que, nacional e internacionalmente, adensou-se nas três últimas décadas do século XX e que trouxe a público um grande número de instituições de guarda de arquivos privados, onde os documentos autobiográficos estão sempre presentes, isto sem considerar que um arquivo pessoal pode ser tratado, ele mesmo, como uma modalidade de “produção do eu”. (GOMES, 2004, p. 14).

No trecho, a autora cita a modalidade “produção do eu” de Ver Fraiz (1994 apud GOMES, 2004), que se encaixa no gênero de discurso com o qual estamos trabalhando, as cartas, um tipo de narrativa que traz, na primeira pessoa, não a verdade como um fato, mas a verdade na perspectiva de um narrador que registra aquilo que sente ou pensa sobre um determinado acontecimento ou momento. Esse tipo de escrita costuma trazer detalhes, que é exatamente o que historiadores ou pesquisadores buscam, pequenas brechas que acabam por passar despercebidas num infinito de informações que apesar de trazer o individual também podem dizer sobre o social:

A escrita de si, ou escrita pessoal, é uma fonte privilegiada para tecer a rede de subjetividades que se pode perceber sobre certa questão, em determinada época, levando a uma busca mais contundente de conteúdos e valores. (SANTOS, 2008, p. 76)

O pesquisador que tem como fonte a carta, precisa sempre se lembrar que por muitas vezes esse será um objeto de questionamento e não de respostas. A carta traz uma imensidão de possibilidades, desafios, problemas e esquemas de uma sociedade por meio de sua escrita, que pode trazer referências ou remeter a uma época no tempo, assim como a coleção do arquivo pesquisado, que, além de trazer informações sobre uma personalidade - no nosso caso, Castro Maya - traz entendimento sobre uma determinada sociedade em uma determinada época, tornando o discurso individual em social.

## 4 GÊNEROS DE DISCURSO

Ao entendermos como a carta é trabalhada e organizada em um arquivo, especificamente no do Museu Chácara do Céu, é interessante também entender as cartas como um gênero de discurso para que possamos criar um vínculo com a memória. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.” (BAKHTIN, 2011, p. 268). Segundo Bakhtin (2011), a história da sociedade é ligada à história da linguagem, isto é, a linguagem está ligada às modificações da vida social, dependendo da situação a linguagem pode ser transformada, e a carta por se tratar de uma réplica do diálogo cotidiano está sujeita a uma grande variação. Sendo que a linguagem, será expressa por meio dos mais variados enunciados, “Todo enunciado tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros: depois do seu término, os enunciados responsivos de outros.” (BAKHTIN, 2011, p. 275). Nesse trecho Bakhtin confirma que, numa comunicação, a interpretação passa por mudanças constantes de acordo com as transformações do tempo e do pensamento, ao escutar ou ler os mesmos enunciados em momentos diferentes, o ouvinte sempre terá uma nova percepção, fazendo com que sempre suceda a uma resposta ou debate sobre o que foi dito anteriormente, criando então um novo enunciado que mais tarde se tornará pauta para outros discursos.

Ao falar de enunciado, podemos também mencionar brevemente a polifonia e dialogismo, dois termos usados por Bakhtin para se referir à maneira pela qual os enunciados são construídos.

“a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro (e não das palavras da língua).” (BAKHTIN, 1997, p. 314)

Esse trecho afirma que nossos discursos são formados a partir do discurso de outros, o que reproduzimos é um eco daquilo que já escutamos e teve alguma influência ou impacto sobre nós. Bakhtin, em seus textos, se refere a essas influências como “vozes” - polifonia - e a origem de quem somos ou o que

discursamos são decorrentes dela, afirmando que todo enunciado é responsivo de outro. O dialogismo, por outro lado, se constrói como um conflito a partir da polifonia. Ao reproduzir um discurso, falamos o que acreditamos estar correto, porém, ao perceber o correto, também percebemos o errado, como cita Bakhtin (1997, p. 347) “Dois tipos de produções verbais, dois enunciados confrontados um com o outro entabulam uma relação específica de sentido a que chamamos dialógica.” Assim, tudo aquilo que pensamos ou falamos se conflitam por conta de discursos que previamente foram expostos por outros.

Quando tratamos desses conceitos de gênero de discurso em cartas, levamos em consideração o que é escrito e lido. No momento em que o falante escreve a mensagem, o receptor, que ainda nem leu, já se torna falante, pois em algum momento ele irá compreender, dar sentido e responder, seja por meio de uma fala, uma escrita, atos ou até mesmo mudando seus pensamentos. Ao direcionar uma mensagem para alguém, você permite que essa pessoa também se torne falante, como afirma Bakhtin (2011, p. 271): “Toda compreensão de fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva..o ouvinte se torna falante”.

Salomon (2010) questiona a prática dos historiadores para com as cartas ao transformá-las em fontes de pesquisa:

Ora, supostamente o historiador esteve no arquivo. Teve esses papéis em suas mãos. Pôde abri-los. Pôde observar a fragilidade desses traços. Diante dessas palavras, dos traços dessas vozes encarnadas em palavras escritas, o que ele faz? Devolve-as ao mutismo, que é a marca da ausência de um corpo, ou as inscreve em um espaço de efetividade que as faz reverberar em nosso presente? Quer dizer, como fazer a história das pessoas comuns sem torná-las mudas, sem devolver a fragilidade dessas palavras ao silêncio? Como o historiador se relaciona com o rumor desse arquivo e o que ele faz com esses traços? (SALOMON, 2010, p. 40)

Entendendo o que Bakhtin (2011) quis dizer ao afirmar que ao ler e entender uma fala o leitor automaticamente também se torna um falante capaz de disseminar novos pensamentos e dialogar com o que foi lido, a crítica de Salomon aos historiadores se torna uma questão interessante a se pensar. Pois ao buscar informações se baseando na relação entre o falante e o seu objeto de discurso, o historiador se torna um ouvinte e por consequência também falante nessa troca de diálogos, criando seus próprios ecos paralelos ao enunciado original e fazendo parte de uma esfera sem limitações. Sendo assim, um enunciado nunca é um ato

individual, faz parte de um coletivo que agrega na formação de uma comunicação expansiva e social.

Desse modo, para Bakhtin, os gêneros discursivos podem também ser entendidos como memória, já que somos capazes de lembrar e escolher que tipo de enunciado usar de acordo com nossas intenções, se tivermos conhecimento dos gêneros possíveis em dadas situações, pois cada situação demanda um gênero discursivo diferente e a linguagem se molda de acordo com essas condições. Sendo assim, Bakhtin (2011) identificou e agrupou esses gêneros em duas categorias: gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários se encaixam no cotidiano simples, informal; enquanto o gênero secundário, complexo, surge da incorporação do gênero simples, o tornando mais desenvolvido e organizado, “No seu conjunto o romance é um enunciado, como réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas a diferença deles é um enunciado secundário (complexo).” (BAKHTIN, 2011, p. 264). Para Bakhtin, a diferença entre esses dois gêneros é extremamente grande e essencial e a análise desses enunciados se faz necessária para que o leitor investigue os diferentes campos da atividade humana, mas apesar de terem as suas diferenças, o gênero primário e secundário partem da mesma natureza de enunciado, o que os diferencia é a complexidade.

Entendendo essas diferenças e semelhanças entre os gêneros primários e secundários, podemos relacionar o nosso objeto de pesquisa, a carta, com o gênero primário, pois se trata da escrita de uma vida cotidiana, um diálogo imediato sem elaborações, onde seu único objetivo é uma comunicação direta.

## 5 MEMÓRIA SOCIAL

Ainda tratando sobre o assunto cartas, podemos discutir outra temática que está intimamente ligada aos gêneros de discurso, que é a memória. No início do trabalho, nos pontos de problema e objetivo foi colocada em pauta a possibilidade da construção de memória através de cartas e até o momento estivemos desenvolvendo tópicos que ajudam a entender o processo e a ligação entre a criação de memória e a documentação de cartas, entendidas enquanto um gênero discursivo primário.

Neste trabalho, trabalharemos com a questão da memória como social, visto que, segundo Jan Assmann (2008, p. 116), devemos distinguir a memória em três níveis: individual, social e cultural. Halbwachs, sociólogo francês, estabeleceu no século XX o termo de memória coletiva para se tratar da memória social e Assmann (2006 apud ASSMANN, 2008, p. 118), diz que, posteriormente, o termo memória comunicativa foi introduzido por autores, numa tentativa de distinguir o termo de Halbwachs da memória cultural. Esse cuidado foi tomado já que a memória cultural pode ser também encaixada na memória social por ser uma memória compartilhada por um grupo de pessoas, porém segundo Assmann (2006 apud ASSMANN, 2008, p. 119), a memória cultural se faz por meio de coisas que funcionam como lembranças, tais como monumentos, museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições. Halbwachs (1994, 1997 apud ASSMANN, 2008, p. 119), por outro lado, diz que a memória coletiva não é institucional, ela vive na interação e no cotidiano. Desse modo, segundo Assmann (2006), esse trabalho então se encaixaria no conceito de memória cultural, já que a recuperação do conteúdo das cartas seria feito por meio de uma instituição, o arquivo pessoal de Castro Maya.

A discussão sobre memória social como já entendemos não é unânime e Gondar (2016) traz debates e discussões problematizando os campos da memória e o social, diante desses debates, a autora cita cinco proposições sobre a memória social, a primeira proposição traz o conceito de memória social como um objeto transdisciplinar:

O objeto transdisciplinar não é comum a diferentes disciplinas; ele é criado como um novo objeto, de maneira transversal, quando problemas que até então eram próprios de um campo de saber atravessam seus limites e fecundam outros. Esse objeto não existe antes que o atravessamento se dê. Nesse caso, a própria ordem disciplinar é posta em questão, surgindo um

para além – indicado pelo prefixo “trans” – da divisão do saber em disciplinas. Os novos objetos produzem deslocamentos nos jogos de saber e poder, desestabilizando as regras sobre as quais havia consenso e propondo novos discursos e novas práticas de pesquisa. (GONDAR, 2016, p. 20)

Entendendo o trecho, Gondar (2016) explicita que o conceito de memória social não é pertencente a nenhuma disciplina, a memória se reinventa e se constrói a partir de discussões e problemas que surgem, conseqüentemente trazendo novas discussões que não caberão em apenas um campo de pesquisa.

A segunda proposição traz a afirmação que o conceito de memória social é ético e político. Gondar (2016, p. 24) questiona então: "Uma lembrança ou um documento jamais é inócuo: eles resultam de uma montagem não só da sociedade que os produziu, como também das sociedades onde continuaram a viver, chegando até a nossa." Com isso ela afirma que nós, como sociedade, buscamos somente aquilo que queremos preservar. "O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situamos, estaremos comprometidos ética e politicamente." (GONDAR, 2016, p. 25). Com isso, nós nos tornamos responsáveis pelo futuro que queremos alcançar, se lembramos tal coisa, é porque queremos que ela esteja presente em nosso presente e futuro, dessa forma, apenas construímos aquilo que nos convém ou de alguma forma nos parece correto.

A terceira proposição diz que a memória implica o esquecimento, abordando a relação entre lembrança e esquecimento. O princípio básico dessa proposição é entender que para esquecer algo antes você tem que lembrar. Porém não é possível que se lembre de tudo, por conta disso, apenas aquilo que traz prazer ou trauma será lembrado constantemente. "Se há algo que a Era Digital nos fez ver muito claramente é que a construção da memória depende tanto de interesses sociais, políticos e culturais quanto é determinada pelos meios de comunicação e pelas técnicas de registro." (GONDAR, 2016, p. 29). Tratando do social, nesse trecho Gondar (2016) explicita que apenas o que traz benefícios será enaltecido ou construído pelo coletivo, evidenciando a sua segunda proposição, de que apenas lembramos ou resgatamos aquilo que de alguma forma pode ser proveitoso. Os novos tipo de conservação e transmissão de memória, sobretudo digitais, tornam obsoleta a prática da escrita como a principal fonte de memória, trazendo a possibilidade do apagamento e reconstrução de lembranças, mudando a relação

entre o lembrar e o esquecer. “A construção de uma memória digital, por ser continuamente sobrescrita, implica o esquecer e o recordar, numa relação em que os dois coexistem sem qualquer possibilidade de síntese, mas inseparáveis.” (GONDAR, 2016, p. 31).

A quarta e penúltima proposição é que a memória não se reduz à identidade. Segundo Pollak a identidade é uma

“[...] imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo de sua vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, por acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

Sabendo disso, Gondar (2016, p. 32) afirma que “Produzi-la e mantê-la não é tarefa fácil. Trata-se de um esforço constante, exigindo que se “esqueça” – que se exclua, segregue ou recalque – tudo aquilo que se mostra em desacordo com a imagem que se tenta preservar.” Portanto, essa memória social está atrelada à uma necessidade de apagar tudo aquilo que não é socialmente aceitável de si próprio, se associando de certa forma à segunda proposição, uma memória ética e política, porém de forma pessoal, que está relacionada a um indivíduo ou comunidade e não ao um objeto de memória. Nessa proposição, Gondar menciona os “três tipos de silêncio” de Ferro (1988 apud, GONDAR, 2016, p.32) que mostram o mecanismo histórico da criação de imagens. O primeiro silêncio está ligado ao poder, mitos que foram criados por autoridades para engrandecer sua história e justificar feitos desagradáveis. O segundo silêncio traz a divergência de histórias contadas entre dois lados, vencedores e derrotados. Diferentes grupos contam sua própria versão da história com diferentes memórias. O terceiro silêncio conversa com a segunda proposição de Gondar, a sociedade constrói uma imagem para si própria na qual não há derrotas, falhas e humilhações, mascarando todos os seus erros por orgulho, esquecendo tudo aquilo que poderia diminuir a sua identidade.

Entendendo essa proposição, Glissant (2005 apud GONDAR, 2016, p. 34) acredita que a criação de fronteiras traz a ideia de que as memórias e valores de uma comunidade estão se tornando objetos de um mercado global e que estaríamos na presença de relações erráticas que não visam mais a fundação de um território e cujos efeitos não podem ser antecipados. Portanto, nessa proposição, a memória

estaria relacionada à uma memória do futuro, construída de maneira imprevisível nas relações entre diferentes contatos de culturas.

A quinta e última proposição é que a memória não se reduz à representação. Gondar (2016, p. 36) diz: “A memória, contudo, é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também numa esfera irrepresentável: no corpo, nas sensações, nos afetos, nas invenções e nas práticas de si.” Tendo esse conhecimento é notável que, o que se tornou coletivo na verdade não diz sobre o todo, é apenas uma parte de um movimento das práticas de si.

“Se, como artifício explicativo, desdobrarmos o processo de produção da memória em algumas etapas, deveremos considerar o afeto como a primeira. De todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações. Todavia, o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular.” (GONDAR, 2016, p.38)

Gondar explica que, apesar das experiências pessoais, afetos e sentimentos surgirem de algo singular, a sua propagação e a repetição se tornam hábitos, todas as criações são inventadas por nós, passadas à frente nos tornando seres semelhantes, com práticas parecidas. “Hábitos são criações que se propagam e, ainda que se tornem constantemente repetidos, iniciam-se com uma experiência marcada pela novidade e pelo inesperado.” (GONDAR, 2016, p.40).

Perpassando pela transdisciplinariedade e as cinco proposições da memória social de Gondar, podemos entender que a memória social é um conceito complexo, e que sua constituição se dá de diversas formas, tendo relação com a ética, o esquecimento, o silêncio, a construção de identidades e representações. Os objetos e suas informações participam do processo de elaboração de memórias, como as cartas. A carta em si e seu conteúdo informacional de cartas são um potencial constituidor de memória social que não pertence apenas a um campo de estudo.

Nesta pesquisa trabalhamos com o termo *cartas* nos campos de gênero discursivo, objetos de fontes informacionais e ainda como documentos, dessa forma se tornando um assunto transdisciplinar, que abarca diferentes formas de construir memória, pelo individual, que é, de certa forma, social, como conseguimos perceber pelas proposições de Gondar.

## 6 CONSTRUÇÃO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Entendendo a memória e a sua construção, e as cartas como um gênero discursivo próprio, é importante que também se entenda a informação que elas disponibilizam e seus conceitos. Buckland (1991) traz a informação em três significados: “Informação-como-processo”; “informação-como-conhecimento”; e “informação-como-coisa”, o uso atribuído à “informação” para denotar coisas entendidas como informativas. Com isso há um questionamento do que seriam essas coisas informativas, nesse momento Buckland (1991) abre espaço para um novo conceito para documento, trazendo seu significado ligado à informação. Sabendo disso, a informação-como-coisa se torna a parte física (tangível) de um processo no sistema de informação onde: “usuários tornam-se bem informados (informação-como processo) e o resultado desse processo poderia ser conhecimento (informação como-conhecimento). Mas o que é manipulado e operacionalizado, que é armazenado e recuperado, é a informação física (informação-como-coisa).

Fogl (1979, p. 21 apud BRASCHER, 2008), seguindo a mesma linha de raciocínio diz que a informação compreende uma unidade de três elementos:

- 1) Conhecimento (conteúdo da informação)
- 2) Linguagem (um instrumento de expressão de itens de informação)

3) Suporte (objetos materiais ou energia). Porém o autor diz que, “não há conexão direta entre informação e objeto, uma vez que a única fonte de origem da informação é o conhecimento, a consciência humana e não o próprio objeto que está sendo conhecido, avaliado ou transformado” (FOGL, 1979, p.22 apud BRASCHER, 2008)

A partir dessas duas concepções entendemos que não há conhecimento sem informação e não há informação sem um suporte ou objeto. Portanto, as Unidades de Informação devem ser os maiores recursos para essa busca. Otlet (1937) diz:

“Para efetuar as operações de documentação, para conservar o documento, foram criados organismos. Há as Bibliotecas, os Arquivos, os Centros de Documentação, os Museus. São os grandes depósitos de tesouros intelectuais da Humanidade. É considerável seu número. Anuários internacionais, cada vez mais completos, deles se originam.” (OTLET, 1937)

Cabem a esses organismos preservar, conservar, recuperar e também disseminar esses objetos, sendo assim, profissionais da informação, bibliotecários, arquivistas e museólogos devem ser os facilitadores e mediadores das informações que podem ser geradas através desses objetos.

Percebendo como pode ser construída a informação e aplicando ao nosso objeto de pesquisa, devemos também debater sobre como a sua recuperação pode ser feita, de modo que, a memória não pode ser construída sem a recuperação dessas fontes informacionais, sejam elas primárias ou secundárias. Ao mesmo tempo, primeiramente precisamos dessa memória para permitir que haja o reconhecimento dessas informações, para tratá-las de acordo com as nossas intenções.

No mundo contemporâneo, muito é falado sobre o mundo digital, que pode ser uma alternativa para maior preservação, recuperação e disseminação dos conteúdos contidos nesses documentos arquivados nas Unidades de Informação. Como discutimos anteriormente, o gerenciamento de espaço pode ser uma implicação para a construção e recuperação da informação das Unidades de Informação.

“Muitos materiais especiais encontram-se fragilizados, impossibilitados de serem consultados manualmente, resultando em um movimento de ampla digitalização de seus suportes, a fim de disponibilizar o acesso a este conhecimento registrado. Desse modo, o acesso à informação existente no material histórico seria permitido quantas vezes fossem necessárias, sem danificar o suporte original” (SANTOS; SILVEIRA, 2015, p. 2).

Possuir os documentos de forma digital, pode evitar contato manual com os documentos, proporcionando um maior tempo de vida, sem a necessidade do descarte das fontes originais, além de permitir um alcance maior aos conteúdos desses documentos, facilitando as pesquisas e registros de memória.

Um exemplo de uma prática que envolve o digital e disseminação de conteúdo de cartas, é o projeto Correio IMS (2015) do Instituto Moreira Salles (IMS). No intuito de tornar a literatura acessível, o site disponibiliza centenas de cartas que fazem parte do acervo de cartas do instituto e, junto delas, as notas dos autores com a fonte de publicação. Outra Unidade de Informação que teve a iniciativa da disseminação de seus conteúdos de forma digital foi o Arquivo Nacional. O *projeto Cartas de Arquivo* em parceria com a Definitiva Cia. de Teatro e a produtora

audiovisual VIA 78, foi lançado em seu aniversário de 180, em 2018. A proposta era lançar na plataforma digital de vídeos, YouTube, doze vídeos contendo a leitura dramatizada de uma carta pertencente ao acervo textual do Arquivo Nacional, sendo um para cada mês do ano.

Pequenas mudanças e inovações como a digitalização e projetos como esses mencionados, podem fazer toda a diferença no âmbito da preservação e recuperação da memória dos documentos da Unidade de Informação. A ideia é que mesmo antigos e frágeis, documentos como as cartas, possam ser disseminados, sem correr o risco de serem danificados.

## 7 METODOLOGIA

Antes de prosseguir com a análise do *corpus* documental, é importante que seja falado sobre a metodologia utilizada para a construção deste trabalho, sobretudo da análise. A pesquisa é caracterizada de forma bibliográfica, documental e exploratória; A população de estudo foi composta pela literatura de temas sobre a vida de Castro Maya e seus museus e temas como cartas e documentos, gêneros de discurso, memória e informação, encontradas em documentos de diferentes suportes como cartas, livros, artigos, matérias, teses e dissertações. Os artigos, teses e dissertações foram buscados em arquivos, bibliotecas e internet a partir de palavras-chave como: cartas; memória social e Castro Maya nas bases de dados *Scielo* e *Google Scholar*.

Podemos dizer que essa pesquisa também foi feita de forma exploratória, pois além de contar com as referências bibliográficas, também consistiu em duas visitas ao local escolhido, Museu Chácara do Céu, para pesquisa de campo. Na primeira visita houve a leitura de cartas de natureza mais pessoal trocadas com amigos íntimos e familiares, mas foi na segunda visita em que o *corpus* documental foi decidido, onde ocorreu uma análise pessoal das cartas da coleção da *sociedade* “Os Cem Bibliófilos do Brasil” de Castro Maya, onde a maioria era trocada com o artista Carybé. Nessa visita, além da análise pessoal das cartas escritas entre os anos de 1955 e 1966, houve uma conversa com os funcionários da instituição, para que não houvesse interferências de comunicação entre o objeto de estudo, as cartas, e a pesquisadora. Dessa forma, foi entendido que a catalogação das cartas da Coleção dos “Cem Bibliófilos” feita por uma antiga funcionária tinha sido separada em duas pastas diferentes, cada folha tendo em si sua numeração em ordem cronológica de recebimento.

Por meio da abordagem qualitativa, foi feita uma coleta de dados no arquivo da instituição por meio da leitura e fotografia, para chegar então ao nosso objetivo, entender a relevância de cartas pessoais como documentos informacionais para a construção de memória. Muito se fala sobre as cartas históricas e sua importância para a memória de um povo ou local, dessa forma, o processo de análise das cartas de Castro Maya possibilitou que esses documentos fossem separados e analisados por categorias enunciativas, que irei chamar de enunciado linguístico, enunciado de

localidade e enunciado econômico, ou seja, com temáticas discursivas específicas que seriam igualmente relevantes para a memória social.

## 8 ANÁLISE DO *CORPUS* DOCUMENTAL

Pensando nos conceitos que colocamos em pauta até o momento, podemos agora então atrelá-los aos nossos documentos de estudo. Como mencionado no breve capítulo sobre *Corpus* Documental, iremos trabalhar com o conteúdo disponibilizado em duas pastas de cartas do colecionador Castro Maya, dando enfoque naquelas direcionadas à Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Durante essa pesquisa confirmamos que as cartas podem ser alçadas à categoria de documento e, ao serem consideradas um gênero discursivo, tornam-se enunciados constituídos e constituidores de memória.

O objetivo deste capítulo de análise do *Corpus* Documental, é verificar a informação presente nos documentos, visando como os elementos que compõem essas cartas, podem construir memória social. Dessa forma, irei separar esses elementos em “categorias enunciativas”: enunciado linguístico, enunciado de localidade e enunciado econômico, para que possamos nos aprofundar em cada temática trazendo sua importância para a memória social com dados, trechos das cartas e imagens para uma melhor visualização.

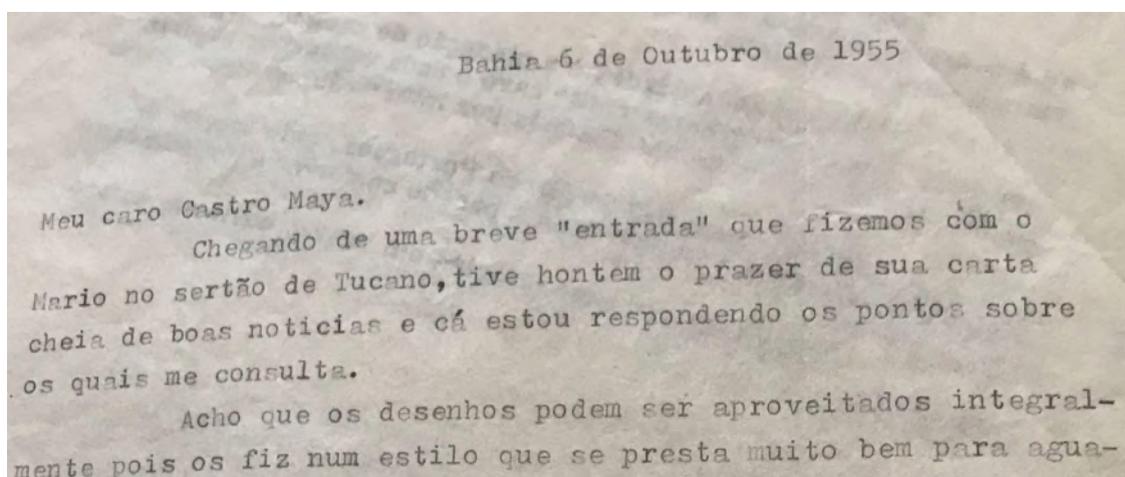
Podemos começar com um elemento importante que pode passar despercebido durante uma leitura rápida, aqui irei chamá-lo de *enunciado linguístico*. Em todas as cartas trocadas durante o período de 1955 e 1966, é possível observar questões sobre a mudança no uso da língua portuguesa. Nosso idioma, o português, teve diversas mudanças ortográficas durante os anos e continuará tendo, pois a escrita é algo que se adapta à sociedade, como foi mencionado anteriormente no capítulo de Gêneros do Discurso, quando Bakhtin (2011) diz que a história da sociedade é ligada à história da linguagem, isto é, cada linguagem está ligada às modificações da vida social.

Nas cartas analisadas, entre sessenta e setenta anos atrás, de certa forma, recentes, podemos perceber modificações relevantes na escrita. Para Faraco (2005, p. 26), o que pode desencadear a mudança de escrita é o avanço da fala informal de grupos socioeconômicos. A linguagem está ligada aos processos diacrônicos “tudo que diz respeito à evoluções”. (SAUSSURE, 2006.) Dessa forma, podemos ver a mudança da fala e da escrita como um processo social.

Durante a análise das cartas, em sua maioria digitadas, de acordo com os anos, provavelmente em máquinas de escrever, encontrei escritas sobre a vida

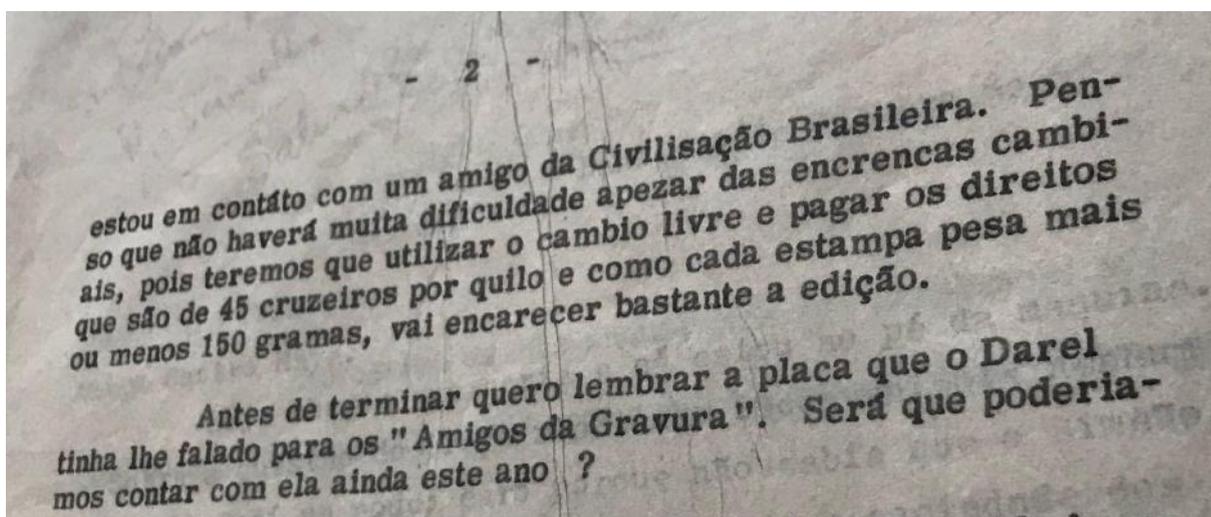
cotidiana, apesar da coleção se tratar de cartas trocadas entre membros de uma *sociedade* bibliófila. Nessa coleção, grande parte das cartas trocadas são entre Castro Maya e Carybé, que por meio da escrita informal, podemos notar uma amizade e companheirismo. Essa escrita traz diversas palavras simples que fazem parte do nosso cotidiano, mas que sofreram modificações, como “hontem”, que perdeu a letra H, “civilisação” e “apezar”, que tiveram suas escritas modificadas pela utilização das letras Z e S, “geito”, que teve a letra G substituída pelo J e “vae” que se tornou “vai”. Como exemplo podemos observar um trecho de duas cartas.

**Figura 4** - Palavra “hontem” em 1955



Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 2, pasta 103.

**Figura 5** - Palavras “civilisação” e “apezar” em 1955

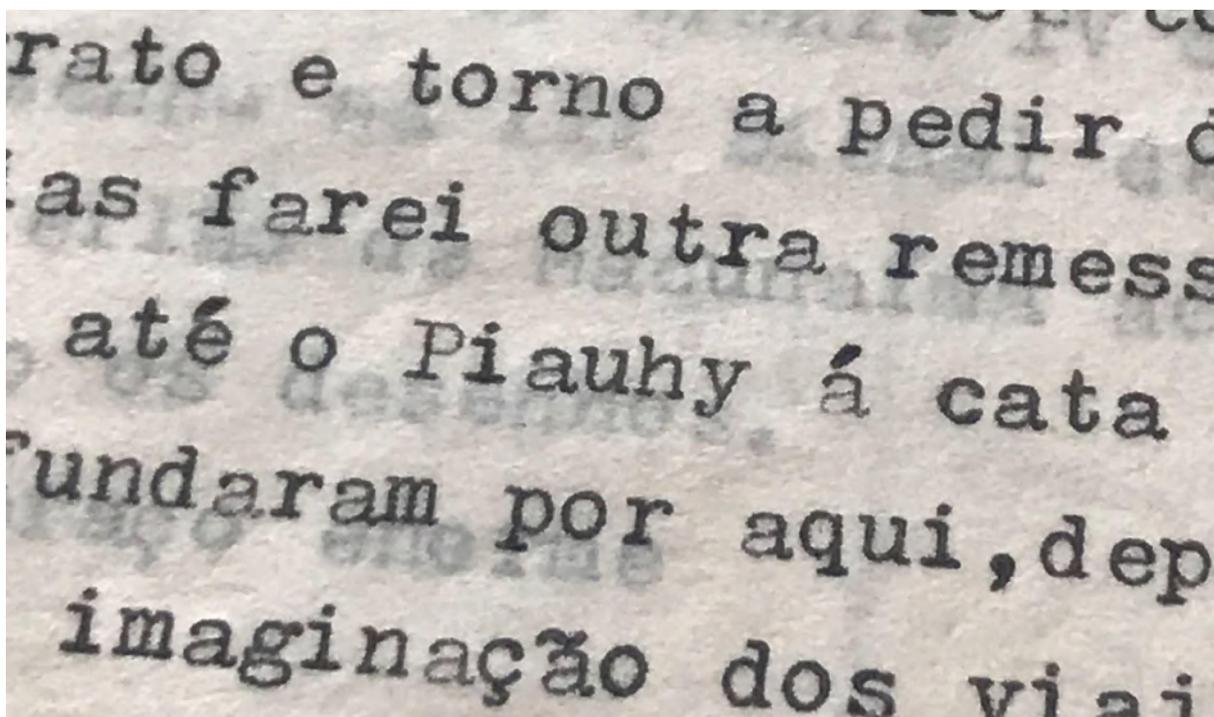


Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 3, pasta 103.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Ortografia (1941), no ano de 1931 foi decretado um novo acordo ortográfico entre Brasil e Portugal. Na resolução desse acordo é decretado que a palavra “apesar” deveria ser escrita com a letra S. Então por que Castro Maya e Carybé utilizavam a grafia “apezar” em suas cartas? Como mencionado anteriormente, a escrita faz parte de um processo social, dessa forma, a lembrança e memória daquilo que aprenderam antes da reforma ortográfica, pode ter mais valor que uma lei.

Além dessas palavras comuns em nosso cotidiano, em outras cartas também percebemos esses processos em nomes próprios, alguns Estados brasileiros tiveram sua ortografia modificadas como o de “Goiaz” e “Piauhy”. Grande parte dessas mudanças se dá pela história desses Estados. Segundo Assis e Cintra (2016), em 1761 o Estado do Piauhy era conhecido como Capitania de São José do Piauhy (1761) em alusão ao nome do rei português D. José I. O mesmo acontece com o Estado de Goiás que anteriormente era conhecido por Villa Bôa de Goyaz. É interessante perceber que conseguimos distinguir os diferentes momentos da história por meio da escrita e de costumes, como nessas de Castro Maya e Carybé.

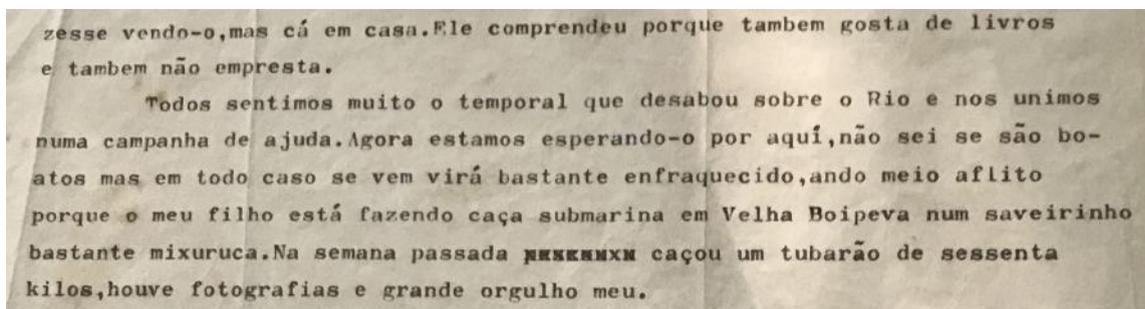
**Figura 6** - Escrita do “Piauhy”



Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Pasta 103.

Por meio de uma das cartas escritas à Castro Maya por Carybé, podemos ainda tratar de um diferente enunciado, que aqui colocarei como *enunciado de localidade*. As cartas também são capazes de relatar acontecimentos e catástrofes que ocorreram na época por diferentes perspectivas. “Todos sentimos muito o temporal que desabou sobre o Rio e nos unimos numa campanha de ajuda.” (CARYBÉ, 1966). E em um diferente trecho da mesma carta “Faço votos de que a tromba d'água não tenha feito estragos na sua casa nem na fundação e vae um abraço do amigo de sempre.”. Essa carta enviada no dia primeiro de fevereiro de 1966, marca uma das piores enchentes sofridas pelo Rio de Janeiro. De acordo com o site jornalístico da Globo, pela Memória Globo (2021), o temporal de grande proporção deixou mais de 200 mortos e 50 mil desabrigados. Fatos como tal, são importantes para a história da cidade do Rio de Janeiro, mas por meio de relatos de cartas também se mostram relevantes para a história do próprio Castro Maya e sua fundação.

**Figura 7** - Temporal no Rio de Janeiro 1966



Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 22, pasta 106.

Ainda sobre os enunciados de localidade, são mencionadas nas cartas Escolas de Samba do Rio de Janeiro, sobretudo a vencedora do Carnaval de 1962, Portela, ano em que a carta foi direcionada, mostrando como o assunto era uma pauta comum em conversas. Endereços de gráficas e da própria *sociedade* que não existem mais também são mostradas em cartas de carácter mais profissional, tratando de negócios e serviços da *sociedade*. Todos esses detalhes, criam no leitor uma ideia de espaço e funcionalidade de deslocamento da época. A *sociedade*, por exemplo, tinha sua sede na Praça XV e, segundo cartas, fazia contatos com gráfica de endereço próximo, também no centro do Rio de Janeiro, na rua do Carmo. Com isso conseguimos traçar possíveis rotas utilizadas num Rio de Janeiro antigo.

**Figura 8 - Portela**

Quanto á carta de primeiro de Novembro não chegou, eu por minha parte tinha con-  
seguido dados sobre a organização da Escola de Samba da Portela e é uma coisa de  
nunca acabar, creio que o melhor é seguir tua sugestão. Com a porta estandarte, as  
pastoras, malandros e bateria creio que damos o mais importante.

Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 8, pasta 106.

**Figura 9 - Endereço da sociedade**

Aproveitamos o ensejo para comunicar que a Socie-  
dade está funcionando à Praça 15 de Novembro nº 34, 2º andar,  
onde se encontra à sua disposição o seu volume de "Cadernos de  
João", para o qual V.Sa. deverá contribuir com uma 2ª quota no  
valor de R\$ 4.000,00.

Sem mais, nos firmamos

Atenciosamente.

*Pela* Sociedade dos Com Bibliófilos do Brasil

Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 21, pasta 100.

**Figura 10 - Endereço da gráfica**

 **Casa Vallette** Indústria e Comércio de Papelaria Ltda.

PAPELARIA ☆ TIPOGRAFIA ☆ ENCADERNAÇÃO ☆ PAUTAÇÃO ☆ DOURAÇÃO  
RUA DO CARMO, 63 — TEL. 22-3617 — End. Tel.: VALLETTE — RIO DE JANEIRO

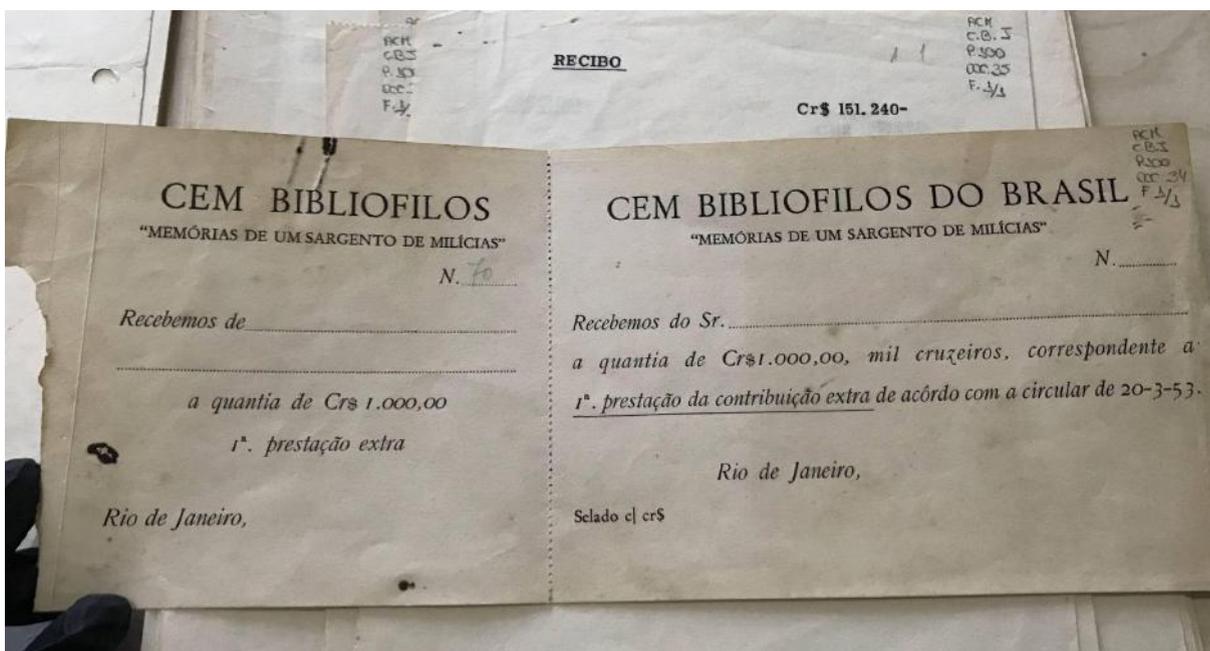
Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1960 Fatura N.º

Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 35, pasta 103.

Mudando de temática, sendo essa a última analisada em minha pesquisa, um aspecto encontrado nas cartas que pode nos trazer referência de um tempo por meio da memória é a moeda, que chamaremos de *enunciado econômico*. Durante os 200 anos de independência do Brasil, segundo o site do Banco Central do Brasil, tivemos nove moedas diferentes, cada uma marcada por um diferente momento no

país, ligado diretamente à política econômica. A história econômica do Brasil foi marcada por inflação e crises, Leitão (2011) aponta em seu livro diversos momentos em que a moeda brasileira sofreu impacto e precisou ser modificada. Dessa forma, por meio das cartas da pesquisa e diversas outras, podemos identificar o período em que foram escritas a partir da moeda utilizada. No caso das cartas utilizadas para a pesquisa, podemos notar a menção ao Cruzeiro Cr\$, moeda que de acordo com o Banco Central do Brasil teve sua primeira vigência do ano de 1942 ao ano de 1967, correspondente às datas dessas correspondências que foram escritas entre os anos de 1950 e 1960. A seguir, trago uma imagem do ano de 1953, encontrada na coleção de cartas, que parece ser uma forma de carnê de valor de Cr\$1.000,00 utilizado pela *sociedade* para fazer o controle de pagamento dos exemplares do livro, neste caso do “Memórias de um sargento de milícias” de Manuel Antônio de Almeida e ilustrado por Daniel Valença Lins, sendo publicado no mesmo ano.

**Figura 11 - Memórias de um Sargento de Milícias**



Fonte: Arquivo do Museu Chácara do Céu. Documento 34, pasta 100.

Como vimos, nessa troca de cartas é possível observar questões sobre a mudança no uso da língua portuguesa, endereços que já não existem mais, assim como o funcionamento de serviços que foram completamente modificados como a impressão de livros, que a partir da leitura de cartas trocadas, demoraria nove meses para ser feita nas Oficinas da Gráfica de Artes S.A. do Rio de Janeiro por

Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini, sob a direção de Luiz Portinari. Os atrasos dos serviços dos correios mencionados, catástrofes no Rio de Janeiro, todos esses apontamentos se tratam de questões da vida cotidiana que de certa forma impactaram a vida da sociedade e conseqüentemente o funcionamento da *Sociedade* dos Cem Bibliófilos do Brasil.

O objetivo deste capítulo, mais do que aprofundar em diferentes temáticas, é confirmar que os diferentes elementos e os mais diversos assuntos que compõem estas cartas de cunho pessoal, podem construir memória social. Com o desenvolver da pesquisa, é crucial entender que o individual também se trata do social. Dessa forma, os materiais apontados na análise desses documentos desencadeiam questões relevantes para a construção de memória não só do Castro Maya e sua *sociedade* como para a memória de uma sociedade que viveu e experienciou o Brasil ou mais especificamente o Rio de Janeiro entre os anos de 1950 e de 1960, época em que essas cartas foram trocadas.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação principal para essa pesquisa partiu do questionamento se cartas - principalmente as pessoais - poderiam ou não ser categorizadas como documentos e se a partir dessas cartas como documentos seria possível construir memória. Essa investigação surgiu de um interesse pessoal sobre como as Unidades de Informação como bibliotecas, museus e arquivos lidam com esse tipo de objetos, apenas guardando essas fontes de informação em seus acervos ou compartilhando seus conteúdos para desenvolvimento de pesquisas e construção de memória? A partir desse questionamento, foi escolhida uma Unidade de Informação, o Museu Chácara do Céu, que tivesse um número considerável de cartas em seu acervo para que através dela fosse possível estabelecer um parâmetro de funcionamento para com esses objetos. Após a visitação e pesquisa de campo no ambiente e análise do *corpus* documental, foi possível entender e estabelecer conceitos que ajudariam chegar às respostas das perguntas iniciais do trabalho mantendo sua relevância.

Com isso pude conhecer a história do Museu Chácara do Céu e de seu fundador Castro Maya, assim como a “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”, que se tornaria então o tópico central para essa pesquisa. A escolha dessa temática se deu pela relevância transdisciplinar que a *sociedade* poderia gerar, criando impacto em diferentes áreas de conhecimento e mostrando as possíveis maneiras de construir uma memória social.

Adentrando aos conceitos estabelecidos para o trabalho, vimos que todo objeto pode se tornar um documento desde que haja interesse sobre tal. Sendo assim as cartas que são entendidas como objetos por pesquisadores da área de documentação, podem sim se tornar documentos. Entendendo e respondendo o primeiro questionamento de que cartas podem ser documentos, podemos levar em consideração que a partir do momento em que certa carta é lida, ela se torna um documento, pois naquele momento houve curiosidade e interesse sobre esse determinado objeto. Entretanto, seguindo esse raciocínio, ter uma carta dentro de Unidades de Informação sem que haja algum tipo de manuseio ou interesse poderia transformá-la então em apenas um objeto, mesmo estando em um local institucionalizado. Com isso, a maneira com que elas são armazenadas e organizadas causam impacto na sua utilidade.

Dessa forma, cartas como documentos são sim capazes de construir memória social. O interesse e pesquisa sobre as informações contidas em cartas geram ecos que agregam na formação de um diálogo coletivo, trazendo novas discussões para aquilo que já foi antes falado ou pensado. Como mencionado na primeira proposição de Gondar (2016), a memória é transdisciplinar, ou seja, essas novas discussões atravessam campos de conhecimento, misturando dois ou mais que acarretam no surgimento de novos, nunca deixando de serem restaurados.

A análise do *corpus* documental, surge, então, para mostrar que é possível construir questionamentos e pautas a partir de conteúdos que apesar de pessoais, podem dizer sobre o social e sua diversas vozes, reafirmando a transdisciplinaridade da memória social que perpassa os limites das áreas de conhecimento que estão em evidência e está sempre em transformação. O próximo passo dessa pesquisa consiste em continuar investigando as formas pelas quais os profissionais da informação podem construir memória a partir da restauração e conservação de cartas para então facilitar e disseminar acesso ao conteúdo informacional desses suportes.

Concluindo, entende-se que novos meios de disseminação do conteúdo de cartas devem analisados e efetuados pelas Unidades de Informação que as guardam, pois é importante que as informações contidas nesses documentos sejam debatidas e dialogadas para que então possamos continuar construindo memória social, aplicando sentidos, entendendo e levantando novos questionamentos sobre a nossa rica e complexa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Nívia Paula Dias; Cintra Jorge Pimentel. O Mappa geográfico da Capitania do Piauí, de Antonio Galluzzi. In: **3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**, 2016, Belo Horizonte. Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Belo Horizonte: Centro de Referência em Cartografia Histórica, 2016. Disponível em: [https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/Anais\\_3SBCH\\_2016\\_final.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/Anais_3SBCH_2016_final.pdf). Acesso em 15 jun. 2023.

ASSMANN, J. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 115–128, 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ARQUIVO CASTRO MAYA. 15 de Maio de 2018. Doc. 23. P. 103.  
 \_\_\_\_\_ . 20 de Março 1953. Doc. 34. P. 100.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.(Coleção Ensino Superior).

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Banco Central do Brasil. **Moedas Produzidas**. 2023. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/cedulasemoedas/moedasemitidas>. Acesso em 15 maio 2023.

BANCO SAFRA. **Os museus Castro Maya**. São Paulo: Banco Safra, 1996.

BATISTA, D. M. S.; BETTE, T. F. ; HORTA, V. . **Arquitetura e conservação da Coleção Castro Maya**: passado, presente e futuro. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS CONSERVAÇÃO E TÉCNICAS SENSORIAIS. Rio de Janeiro; Lisboa, 2012. Disponível em: [https://arquimuseus.arq.br/seminario2012/conteudo/eixo\\_01/e01\\_arquitetura\\_e\\_conservacao\\_da%20colecacao\\_castro\\_maya.pdf](https://arquimuseus.arq.br/seminario2012/conteudo/eixo_01/e01_arquitetura_e_conservacao_da%20colecacao_castro_maya.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

BATISTA, Denise Maria da Silva. **Museus Castro Maya**: de coleção privada a museu público. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.unirio.br/ppg-pmus/copy\\_of\\_denise\\_maria\\_da\\_silva\\_batista.pdf](http://www.unirio.br/ppg-pmus/copy_of_denise_maria_da_silva_batista.pdf). Acesso em: 30 jul. 2022.

BAUMANN, Eneida Santana. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea**. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7834>. Acesso em: 7 dez. 2022.

BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. BIBLIOTECA CASTRO MAYA, Museus Castro Maya. 2022. Disponível em: <http://museuscastromaya.com.br/biblioteca-castro-maya/>. Acesso em 7 jul. 2022.

BODÊ, Ernesto Carlos. **Memória, Mudança Linguística versus Recuperação em Documentos de Arquivo no longo prazo**. 2015. 212 p. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21760/1/2015\\_ErnestoCarlosBode.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21760/1/2015_ErnestoCarlosBode.pdf). Acesso em: 15 maio 2023.

BRASCHER, M. ; CAFE, L. . Organização da informação ou organização do conhecimento?. In: **IX Enancib**, 2008, São Paulo. Anais do IX Enancib. Brasília: ANCIB, 2008.

BUCKLAND, M. K. **Information as thing**. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v.45, n.5, p. 351-360, 1991. Tradução: Luciane Artêncio. Disponível em: [https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20\(thing\).pdf](https://www.cin.ufpe.br/~cjgf/TECNOLOGIA%20-%20material%20NAO-CLASSIFICADO/Informacao%20como%20Coisa%20(thing).pdf). Acesso em 8 dez. 2022.

**CARYBÉ**. Carta a Castro Maya em 06 de Outubro de 1955. Arquivo Castro Maya. Doc 2. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 24 de Outubro de 1955. Arquivo Castro Maya. Doc 4. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 24 de Outubro de 1955. Arquivo Castro Maya. Doc 4. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em Novembro de 1955. Arquivo Castro Maya. Doc 6. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 17 de Agosto de 1956. Arquivo Castro Maya. Doc 9. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 30 de Agosto de 1956. Arquivo Castro Maya. Doc 12. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 01 de Outubro de 1956. Arquivo Castro Maya. Doc 16. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 07 de Janeiro de 1962. Arquivo Castro Maya. Doc 8. P. 106.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 01 de Agosto de 1962. Arquivo Castro Maya. Doc 14. P. 106.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 20 de Fevereiro de 1965. Arquivo Castro Maya. Doc 19. P. 106.

\_\_\_\_\_. Carta a Castro Maya em 14 de Janeiro de 1966. Arquivo Castro Maya. Doc 22. P. 106.

DICKINSON, Emily. **Loucas noites / Wild Nights**: 55 poemas/ poems (edição bilíngue). Barueri, SP: Disal, 2010. 208 p. Tradução e comentários de: Isa Mara Lando.

ESCRITÓRIO DE ARTE (ed.). **Carybé**. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/artista/carybe>. Acesso em: 7 dez. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FONTES, L. A. S.; SAETA, T. A. **Cartas de arquivo**: um projeto de mediação cultural nos 180 anos do Arquivo Nacional. *Acervo*, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 108, 2019. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1312>. Acesso em: 7 dez. 2022.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus**: estudos interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, mar. 2016. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475/4929>. Acesso em: 30 nov. 2022.

GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA PORTELA. **História**. 2023. Disponível em: <http://gresportela.conexiabrasil.com.br/Historia/DetalhesAno?ano=1962>. Acesso em 15 maio 2023.

HORTA, N. M.; DIAS, D. A.; CORDEIRO, L. C. Cartas: um acervo de memória afetiva e histórica e a importância de sua preservação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/61486>. Acesso em: 8 dez. 2022.

Instituto Moreira Salles. **Correio IMS**. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/>. Acesso em: 7 dez. 2022.

LEITÃO, Miriam. **Saga brasileira**: a longa luta de um povo por sua moeda. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MAGALHÃES, Renata. **Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil ganha mostra na Chácara do Céu**. *Veja Rio*, 2018. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/sociedade-dos-cem-bibliofilos-do-brasil-ganha-mostra-na-chacara-do-ceu/>. Acesso em: 7 jul. 2022.

**MAYA**, Castro. Carta a Carybé em 20 de Outubro de 1955. Arquivo Castro Maya. Doc 3. P. 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Carybé em 21 de Setembro de 1955. Arquivo Castro Maya. Doc 1. P 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Carybé em 27 de Setembro de 1956. Arquivo Castro Maya. Doc 14. P 103.

\_\_\_\_\_. Carta a Carybé em 04 de Maio de 1964. Arquivo Castro Maya. Doc 14. P 103.

\_\_\_\_\_. Documento do Arquivo Castro Maya em 03 de Fevereiro de 1966. Doc. 2, Pasta 100.

\_\_\_\_\_. Documento do Arquivo Castro Maya em 16 de Julho de 1962. Doc. 21, Pasta 100.

MEMÓRIA GLOBO. **Enchentes no Rio - 1966**. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-no-rio-1966/noticia/enchentes-no-rio-1966.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2023.

Meu site contábil. **Tabelas práticas**. 2023. Disponível em: <http://idealssoftwares.com.br/tabelas/tabela.php?id=351>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MEYRIAT, J.; BRITO (TRAD.), M. de; ORTEGA (TRAD.), C. D.; MARIANA A. DA SILVA (TRAD.), C. Documento, documentação, documentologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 240–253, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22480>. Acesso em: 7 dez. 2022.

MULLER, Samuel; FEITH, Johann Adriaan; FRUIN, Robert. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Arquivo Nacional, 1960.

Museus Castro Maya (ed.). **Castro Maya, o Patrono**. Disponível em: <http://museuscastromaya.com.br/castro-maya/>. Acesso em: 7 jul. 2022.

Museus Castro Maya (ed.). **Chácara do Céu**. Disponível em: <http://museuscastromaya.com.br/museu-da-chacara-do-ceu/sobre-o-museu-da-chacara-do-ceu/>. Acesso em: 7 jul. 2022.

OTLET, Paul. Documentos e Documentação. In: **Congresso Mundial da Documentação Universal**. 1937, Paris. Tradução Conexão Rio. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/index.htm>. Acesso em: 7 dez. 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 7 dez. 2022.

RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral. **Cultura Histórica e História Ensinada em Goiás**. 2011. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1225/1/Miriam%20Bianca%20Amaral%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SANTOS, Nádía Maria Weber (org.). Leituras sensíveis do Eu: um exemplo nas escritas ordinárias de hospício. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 71-98.

SANTOS, Luciana S. ; SILVEIRA, Naira Christofolletti . A representação documentária de coleções especiais: breves considerações sobre os acervos do Rio de Janeiro. In: **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)**, 2015, João Pessoa. Anais. João Pessoa: UFPB, 2015. p. 1-7.

SOARES, José Carlos M. “Apresentação”. **O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Ortografia** (Documentário Oferecido e Dedicado à Academia Brasileira da Letras). Rio de Janeiro, s.e., 1941.

SOBRAL, Camilla Campoi de. **Cartas em arquivos pessoais**: uma discussão necessária. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14758> . Acesso em: 7 dez. 2022.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de. **O estudo da coleção de livros da sociedade dos cem bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da Universidade de Brasília**. 2016. 240 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20219>. Acesso em: 6 out. 2022.

TOMASINI, Maristela Bleggi. **Memória Social em Cartas de Amor**: sensibilidades e sociabilidades em Porto Alegre da década de 1920. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social e Bens Culturais, Centro Universitário La Salle - Unilasalle, Canoas, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/643>. Acesso em: 26 nov. 2022.